

A modernidade da prosa poética do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa

Luciana Paiva Coronel*



O livro do desassossego constitui obra privilegiada para a análise das contradições da modernidade. A inovação contida na forma fragmentária desta prosa poética incorpora com frequência em seu interior momentos nos quais se evidencia uma visão de mundo passadista e impregnada de um misticismo de teor romântico. Traços modernos e antimodernos convivem neste livro indefinível cuja análise pretende iluminar muitas das ambigüidades da vida moderna que Fernando Pessoa pretendeu recriar em sua poesia.

Palavras-chave: Poesia, modernidade, Fernando Pessoa.

O livro do desassossego, written by Fernando Pessoa, lend itself beautifully to analyse contradictions of modernity. Its innovate and broken form reveals outdated views on the world which are full of romantic mysticism. Modern and antimodern elements coexist in Pessoa's book. This work analyses many ambiguities of modern life the author created in his writing.

Keywords: Poetry, modernity, Fernando Pessoa

Quem de nós não sonhou, em seus dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rima, suficientemente solta e contrastante para adaptar-se aos movimentos líricos de uma alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência? É principalmente da freqüentação das cidades enormes, é do cruzamento de suas inúmeras relações que nasce este ideal obsedante.

Charles Baudelaire, *O Spleen de Paris*

Sabe-se que a experiência da vida moderna trouxe consigo alterações significativas tanto no âmbito da vida social quanto no âmbito da sua representação estética. Portugal modernizou-se à sua maneira ao lon-

* Doutora em Literatura Brasileira pela USP e professora de História no Centro Universitário Metodista IPA.

go do século XIX. Sem deixar de ser um país marcado pelo cenário agrário, a nação portuguesa adentrava o século XX apresentando também características do ambiente urbano, que se impunha como o espaço do desenvolvimento, da modernização. Nas palavras de Joel Serrão (1978, p. 79):

As largas ruas macadamizadas povoa-
am-se de trens e de turbas que
apressadas vão à vida a pé ou de
'americano'. [...] A vida noturna, con-
dicionada pela iluminação a gás,
toma novas feições de trabalho, de
boemia, de mundanismo de devas-
sidão.

Poeta da cidade, sem deixar de o ser também do campo em alguns momentos de sua poesia, Cesário Verde desempenha a função de introdutor da sensibilidade moderna, do tédio citadino, em poemas categoricamente identificados com os desafios que a vida urbana passara a apresentar aos portugueses, como é o caso de *O Sentimento dum ocidental*.

Dando continuidade a esta vertente poética, Fernando Pessoa desenvolve extensa e variadíssima produção, na qual a representação do moderno alcança um de seus momentos mais destacados em Portugal. Não bastasse a própria criação da heteronomia, por si só representativa da máxima moderna "J'ai un autre", de Rimbaud, Pessoa vai apresentar nos poemas em prosa *Livro de desassossego* um experimentalismo que não sugere

apenas inovação formal, mas também desolação, obscuridade, alienação e desintegração.

Conforme Malcolm Bradbury e James McFarlane expuseram em seu *Modernismo – Guia geral* (1999, p. 22), a definição de modernismo passa pela noção de um "encrespamento da dura superfície naturalista por um estado de multiplicidade da consciência", resposta da imaginação a um mundo progressivamente secularizado e urbanizado.

O *Livro do desassossego* identifica-se exatamente com esta reação ao positivismo/naturalismo por meio de um fascínio por forças irracionais ou inconscientes, trazendo logo na abertura (fragmento 1) a seguinte apreciação: "A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse parar, pararia." (p. 45).

Se o Modernismo é niilismo, hostilidade à civilização e desencanto com a própria cultura, vindo "associado à consciência da desordem, do desespero e da anarquia" (Bradbury, McFarlane, p. 31), os poemas em prosa de Pessoa identificam-se inequivocamente ao espírito do modernismo. Desmanchando a superfície dada do real, lançam-se como estilhaços de sentido sem fio narrativo consistente, sem uma noção determinada de tempo e sem fatos propriamente ditos ("autobiografia sem fatos" é um de seus subtítulos).



Contudo, o desassossego pulsa nesta obra desalinhavada e caleidoscópica, composta de *insights* destacáveis oriundos da mente inquieta do semi-heterônimo Bernardo Soares, narrador principal, mas não exclusivo do *Livro do desassossego*. Segundo Richard Zenith, organizador da edição consultada:

Embora Pessoa tenha atribuído o livro inteiro à autoria de Soares, o Livro do desassossego foi, antes de mais, vários livros (e afinal só um) de vários autores (e afinal só um), e a própria palavra desassossego mudou de significado com o decorrer do tempo. (Pessoa, 2003, p. 16).

Romance, anti-romance, diário-íntimo, livro, livro em potência, livro-sonho, livro-desespero, livro em ruína, antilivro, eis algumas designações apontadas pela crítica na difícil tarefa de conceituar o livro-caos do desassossego de Fernando Pessoa. A feição próxima do caos autoriza a consideração da obra como moderna, de acordo com a síntese criada por Marshall Berman - “tudo que é sólido se desmancha no ar”, fragmento extraído do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, capaz de definir a essência da vida moderna:

Todos são movidos pelo desejo de mudança – de autotransformação e de transformação do mundo em redor – e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços. (p. 13).

Se, por um lado, a feição provisória, indefinida e em interminável transição permite a consideração

do *Livro do desassossego* como obra de teor inequivocamente moderno, porque imaginativa, livro de viajante que faz uma odisséia literária sem nunca sair de Lisboa, por outro lado, sua vocação para a evasão da realidade e a “aristocracia da individualidade” cultivada por Bernardo Soares, seu principal narrador, constituem traços eminentemente antimodernos.

Já no Prefácio, Fernando Pessoa apresenta Soares como alguém que nunca passara por nenhum agrupamento, que “não pertencera nunca a uma multidão” (p. 40). Teresa Cruz, no posfácio da obra *O pintor da vida moderna*, de Charles Baudelaire, identifica exatamente o enfrentamento corajoso da multidão como o primeiro sintoma efetivamente moderno da sensibilidade de Baudelaire:

O pintor da vida moderna é, antes de mais, um ser urbano, ‘grande amante da multidão e do incógnito’, que ‘mergulha na multidão como num imenso reservatório de eletricidade’, como ‘um espelho tão imenso quanto esta multidão; como um caleidoscópio dotado de consciência. (Baudelaire, 1993, p.79).

Moderna é a atitude de defrontar-se com a multidão, o que não exclui o susto e o temor da perda da individualidade, mas que inclui o fascínio do novo, o heroísmo de aceitar a ameaça de dissolução do eu como nova condição do artista, a quem cabe representar as grandes multidões anônimas

das cidades como um dos aspectos mais marcantes da vida social do período compreendido entre meados do século XIX e o início do século XX.

Charles Baudelaire, nos poemas em prosa do *Spleen de Paris* dá sinais de uma sensibilidade notadamente moderna em relação às multidões, como se pode perceber no fragmento número 12, intitulado exatamente “As multidões”:

Não é dado a qualquer um penetrar na multidão: tal desfrute é uma arte, e só faz, às expensas do gênero humano, esse lauto banquete de vitalidade que desde o berço recebeu de uma fada o gosto do disfarce e da máscara, o ódio do domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar a própria solidão também não sabe estar só entre a gente atarefada.

O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, quando lhe agrada, ser ele mesmo e um outro. Como essas almas errantes que buscam um corpo, ele entra, se quiser, na personalidade de alguém. (p.41).

Fernando Pessoa, por meio da voz de Bernardo Soares, plácido escrevente do livro de contabilidade, representa uma atitude bastante diversa diante dos desafios da vida moderna, como se pode ler já no fragmento 1 do *Livro do desassossego*:

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens havia perdido a crença em Deus, pela mesma razão que

os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não se pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade como sucedâneo de Deus. Pertença, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêem só a multidão de que são, como também os grandes espaços que há ao lado. Por isso, nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. [...] Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivescência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses, ou deuses tinham cabeça de animais. (p. 45).

O narrador mostra-se tão disposto a enxergar a multidão, de que é parte, como “os grandes espaços” que o isolam dentro da mesma, ratificando a sua singular individualidade. Na contracorrente dos ideais modernos apresentados pela Revolução Francesa, Soares se apresenta muito cético em relação à Humanidade em que os jovens de seu tempo depositam grandes esperanças, não lhe restando mais que o recuo na própria subjetividade como reduto primordial da existência:

Assim, não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros, na orla das gentes [...].

A quem, como eu, assim, vivendo não sabe ter vida, que resta senão como a meus poucos pares, a renúncia por modo e a contemplação por destino? Não sabendo o que é a vida



religiosa, nem podendo sabê-lo, porque se não tem fé com a razão; não podendo ter fé na abstração do homem, nem sabendo mesmo que fazer dela perante nós, ficava-nos, como motivo de ter alma, a contemplação estética da vida. E assim, alheios à solenidade de todos os mundos, indiferentes ao divino e desprezados do humano, entregamo-nos futilmente à sensação sem propósito, cultivada num epicurismo subutilizado, como convém aos nossos nervos cerebrais. (p. 45).

Tendo apenas como companheiros “alguns poucos pares”, Soares apresenta a sua saída individual para os dilemas do tempo em que lhe foi dado viver: “a renúncia por modo e a contemplação por destino”. Esta espécie de recuo conservador diante da realidade histórica é apresentado por meio de uma forma inusitadamente contemporânea, fragmentária e desalinhavada, compondo um todo heteróclito de difícil definição. Conforme Leyla Perrone-Moisés:

O *Livro do desassossego*, em suas inúmeras facetas, é uma espécie de mostruário de tudo o que se fez na literatura ocidental desde o romantismo alemão, passando pelo decadentismo do fim do século XIX, até as invenções verbais e sintáticas mais ousadas de nosso século; e não necessariamente nessa ordem cronológica. Da máxima clássica ao poema em prosa, deste ao *désœuvrement* da obra fragmentária moderna, tudo cabe na prosa fluida de Bernardo Soares. (p. 149).

Cabe, de fato, muita coisa na prosa fluída de Bernardo Soares,

inclusive certo tom de saudosismo antimoderno, presente no fragmento 3, que, se por um lado o aproxima paradoxalmente do moderno Cesário Verde, por outro, o afasta da modernidade mais avançada presenciada em seus próprios dias:

Amo, pelas tardes demoradas do verão, o sossego da cidade baixa, e sobretudo aquele sossego que o contraste acentua na parte que o dia mergulha em mais bulício. A Rua do Arsenal, a Rua da Alfândega, o prolongamento das ruas tristes que se alastram para leste desde que a Alfândega cessa, toda a linha separada do cais quedos - tudo isso me conforta de tristeza, se me insiro, por essas tardes, na solidão do seu conjunto. Vivo uma era anterior à que vivo; gozo de sentir-me coevo de Cesário Verde, e tenho em mim, não outros versos como os dele, mas a substância igual à dos versos que foram dele.

A substância dos versos de Cesário Verde, notadamente em *O sentimento dum ocidental*, identifica-se com a representação desidealizada do cotidiano moderno. Tal substância não deixa de estar efetivamente presente no *Livro do desassossego*, como se pode perceber no fragmento 7:

Hoje, em um dos devaneios sem propósito nem dignidade que constituem grande parte da substância espiritual da minha vida, imaginei-me liberto para sempre da Rua dos DouRADORES, do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, dos empregados todos, do moço, do garoto e do gato. Senti em sonho a minha libertação, [...] o repouso, a arte conseguida, o cumprimento intelectual do meu ser.

Mas de repente, e no próprio imaginar, que fazia num café no feriado modesto do meio-dia, uma impressão de desagrado me assaltou o sonho: senti que teria pena. Sim, digo-o como se o dissesse circunstanciadamente: teria pena. O patrão Vasques, o guarda-livros Moreira, o caixa Borges, os bons rapazes todos [...] tudo isso se tornou parte da minha vida; não poderia deixar isso tudo sem chorar, sem compreender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com eles todos, que o separar-me deles era uma metade e semelhança da morte.

Todos temos o patrão Vasques, para uns visível, para outros, invisível. Para mim, chama-se realmente Vasques [...] Prefiro o Vasques homem meu patrão, que é mais tratável, que todos os padrões abstratos do mundo. (p. 51).

Compartilhando com Cesário Verde este olhar que se coloca sobre o banal do dia-a-dia, percebido como substância mesma da vida do homem moderno, a prosa poética de Bernardo Soares pode de fato ser reconhecida como moderna. Fernando Pessoa, autor do autor do Livro, chega mesmo a amar seu prosaico trabalho, não se satisfazendo em apenas aceitá-lo na contingência de sua vida:

Tenho ternura, ternura até às lágrimas, pelos meus livros de outros em que escrituro, pelo tinteiro velho de que me sirvo, pelas costas dobrados do Sérgio, que faz guias de remessa um pouco para além de mim. Tenho amor a isto, talvez porque não tenha mais nada que amar – ou talvez, também, porque nada valha o amor de uma alma, e, se temos por sentimento que o dar, tanto vale dá-lo ao pequeno aspecto do meu tinteiro como à grande indiferença das estrelas. (p. 51).

A inusitada declaração de amor aos seres e objetos do escritório da Rua dos Douradores convive proximamente, no entanto, com apreciações completamente distintas dessa que se referiu. No fragmento 36, por exemplo, lê-se:

Não são as paredes reles do meu quarto vulgar, nem as secretárias velhas do escritório alheio, nem a pobreza das ruas intermédias da Baixa usual, tantas vezes por mim percorridas que já me parecem Ter usurpado a fixidez da irreparabilidade, que formam no meu espírito a náusea, que nele é freqüente, da quotidianidade enxovalhante da vida. São as pessoas que habitualmente me cercam, são as almas que, desconhecendo-me, todos os dias me conhecem com o convívio e a fala, que me põem na garganta do espírito o nó salivar do desgosto físico. É a sordidez monótona da sua vida, paralela à exterioridade da minha, é a sua consciência íntima de serem meus semelhantes, que me veste o traje de forçado, me dá a cela de penitenciário, me faz apócrifo e mendigo. (p. 71).

A “quotidianidade enxovalhante da vida” apresenta, em momentos como esse, um grau tal de sordidez, que parece não restar a Soares outra opção que dar um desfecho trágico e grandioso a uma existência indigna e demasiado rebaixada, “comboio de terceira classe”, em suas próprias palavras:

Então pergunto a mim mesmo como é que me sobrevivo, como é que ouso ter a cobardia de estar aqui, entre essa gente, com esta igualdade certa com eles, com esta conformação verdadeira com a ilusão de lixo de eles todos? Ocorrem-me com um brilho de farol distante todas as



soluções com que a imaginação é mulher – o suicídio, a fuga, a renúncia, os grandes gestos da aristocracia da individualidade, o capa e espada da existência sem balcão. (p. 72).

Em momentos como esses, Soares parece querer ressaltar a “aristocracia da [sua] individualidade”, a nobreza e distinção de uma alma submetida e rebaixada a uma existência “de balcão”. Não se pode negar que trechos como esse, em que a realidade é posta de lado e considerada inferior ao fascínio dos sonhos e do mundo da imaginação, são mais afinados com as linhas gerais da poesia de Fernando Pessoa - ele mesmo, poeta amante do etéreo e das obscuridades lunares.

Convivem, portanto, no interior do *Livro do desassossego* colocações muito disparatadas entre si, por vezes identificadas com o sentimento eminentemente moderno da aceitação da fugacidade da vida e da valorização do instante passageiro, como se viu. Em outras circunstâncias, o sentimento é exatamente outro, em tudo oposto àquele anterior, revelando uma recusa e uma rejeição a tudo que identifica a vida moderna.

A cidade movimentada, em constante transformação, tema essencial da representação da vida moderna, e, portanto, tema central da poesia moderna de Cesário Verde, com a qual a prosa de Soares reconhece ter afinidades, é, no mais das vezes, apresentada como am-

biente que desperta a estranheza do narrador:

Não sei se estou com febre, como sinto, se deixei de ter a febre de ser dormidor da vida. Sim, repito, sou como um viajante que de repente se encontra numa vila estranha sem saber como ali chegou; e ocorrem-me esses casos dos que perdem a memória, e são outros durante muito tempo. Fui outro durante muito tempo – desde a nascença e a consciência –, e acordo-me no meio da ponte, debruçado sobre o rio, e sabendo que existo mais firmemente do que fui até aqui. Mas a cidade é-me incógnita, as ruas novas e o mal sem cura. Espero, pois, debruçado sobre a ponte, que me passe a verdade e eu me restabeleça nulo e fictício, inteligente e natural. (fragmento 39, p. 74).

Bernardo Soares revela total incompreensão em relação ao cenário mutável, sentindo-o como uma incógnita diante de seus olhos “dormidores”. São tantas as mudanças e é tal seu deslocamento, que ele sente ter perdido a memória, estando “fora do tempo” em que lhe fora dado viver.

O tédio e a indiferença, sentimentos eminentemente modernos, acompanham o olhar deste “sonâmbulo”, que se depara com paisagens e cenários que lhe são completamente alheios, como é o caso das ruas:

De dia elas são cheias de um bulício que não quer dizer nada; de noite são cheias de uma falta de bulício que também não quer dizer nada. Eu de dia sou nulo, e de noite sou eu. [...]

Mas há mais alguma coisa... Nessas horas lentas e vazias, sobe-me da alma à mente uma sensação minha e uma coisa externa, que não está em meu poder alterar. Ah, quantas vezes os meus próprios sonhos se me erguem em coisas, não para me substituírem a realidade mas para se me confessarem seus pares em eu os não querer, em me surgirem de fora, como o elétrico que dá a volta na curva extrema da rua, ou a voz do apregoador noturno, de não sei que coisa, que se destaca, toada árabe, como um repuxo súbito, da monotonia do entardecer.

[...]

Passa tudo isso, e nada de tudo isso me diz nada, tudo é alheio ao meu destino, alheio, até, ao destino próprio – inconsciência, carambas ao despropósito quando o acaso deita pedras, ecos de vozes incógnitas – salada coletiva da vida. (p. 48).

O tédio originado pela “sala-da coletiva da vida” poderia ser entendido como sentimento moderno, revelando a solidão do narrador dentro da coletividade. Mas no *Livro do desassossego*, o tédio muitas vezes não perdura, existindo apenas no sentido de encaminhar o desejo de saída dele mesmo, de fuga no “sublime do monge no ermo, e do eremita no retiro, inteirado da substância de Cristo nas pedras e nas cavernas do afastamento do mundo” (fragmento 4, p. 49).

É possível, pois, concordar com Leyla Perrone-Moisés, quando esta afirma haver no *Livro do desassossego* um pouco de tudo, inúmeras facetas contraditórias entre

si, compondo um todo estranhíssimo de difícil sistematização, que é moderno sem deixar de ser anti-moderno, e porque não mesmo pós-moderno?

Nessa *mélange* insólita que retrata muito bem os recessos da alma de Soares, há a representação da inconstância da vida e da sensibilidade modernas:

E assim sou, fútil e sensível, capaz de impulsos violentos e absorventes, maus e bons, mas nunca de um sentimento que subsista, nunca de uma emoção que continue, e entre para a substância da alma. Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa; uma impaciência da alma consigo mesma, como uma criança inoportuna; um desassossego sempre crescente e sempre igual. Tudo me interessa e nada me prende. (fragmento 10, p. 53).

Vivendo em uma era marcada pela velocidade e pela transitoriedade de tudo, Bernardo Soares parece absorver um pouco da substância de seu tempo, fazendo-se inconstante na ordem geral de seus afetos. Por outro lado, parece rejeitar em boa medida as criações que essa mesma época criou para tornar mais ágil a vida dos homens:

Dispensio e detesto veículos, dispensio e detesto os produtos da ciência – telefones, telégrafos – que tornam a vida fácil, ou os subprodutos da fantasia – gramofonógrafos, receptores, hertzianos – que, aos a quem divertem, a tornam divertida.

Nada disso me interessa. Nada disso desejo. (fragmento 50, p. 83).



Homem de seu tempo e homem preso ao passado, Bernardo Soares encarna em si todas as contradições do presente. Leitor dos clássicos e autor de livro experimental e moderníssimo, o narrador do *Livro do desassossego* parece conseguir, por meio da palavra escrita, dar à sua vida um sentido que ela, em si mesma, não tem: “Nem me salva da monotonia senão estes breves comentários que faço a propósito dela.” (fragmento 42, p.77).

“Fogos-fátuos que são ao menos luz nas trevas” (fragmento 92, p. 61), as palavras, geradas da podridão da vida, constituem as pontes por meio das quais Soares transcende a humanidade vulgar, “que é, aliás, a única que existe” (fragmento 95, p.62) e alça a condição que sonhou para si, a condição de autor, que lhe doura de contentamento o ser.

As palavras que salvam são, no entanto, as mesmas que desorientam: “Estou liberto e perdido” (fragmento 67, p.100), diz o narrador à certa altura do *Livro do desassossego*, tornando o livro, em mais um aspecto, uma imagem muito feliz da vida, no interior da qual igualmente a liberdade implica desorientação, temor e incerteza.

Como na vida, no *Livro do desassossego* a liberdade tem que ser construída, tem que ser inventada. Como na vida, ali o caminho é tortuoso, e a liberdade atingida,

imperfeita, provisória, precária: “Choro sobre minhas páginas imperfeitas” (fragmento 64, p.97), relata Soares, enxergando imperfeição até mesmo na única liberdade humanamente alcançável, a liberdade de transcender, por meio da arte, a contingência do existir. Ainda que imperfeita, esta é a liberdade que é dada ao homem conhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Lisboa: Veja, 1993. CRUZ, Teresa. “Posfácio”: p. 63-102.
- 2 BAUDELAIRE, Charles. *O Spleen de Paris*. Pequenos poemas em prosa. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- 3 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. I São Paulo: Brasiliense, 1985. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, p. 165-196.
- 4 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. I São Paulo: Brasiliense, 1985. “Sobre o conceito de História”, p. 222-232.
- 5 BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas volume III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- 6 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- 7 BRADBURY, Malcolm, MCFARLANE, James. *Guia geral do modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- 8 MOISÉS, Leyla Perrone. "Pessoa de todos (os)nós". In: *Inútil poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 145-50.
- 9 PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- 10 SERRÃO, Joel. *Temas oitocentistas: para a história de Portugal no século passado*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978, v. 1.

